

Ainda não sei N. 9/7/83 do que estou a viver

— um cidadão por evacuar da cidade

«Ainda não sei do que estou a viver, desde que cheguei de Homoine, Província de Inhambane, há mais ou menos 23 anos». Estas são palavras de Romeu Serafim Nhamucha que, precisamente por não saber do que vive, está a aguardar a sua evacuação forçada, do centro para o efeito criado, do Bairro de Chamanulo.

Trata-se de um indivíduo que, em aparente desafio contra os seus interlocutores, olha insistentemente para os que lhe dirigem a palavra. Apresenta o aspecto de quem viveu ou viu muitas coisas ao mesmo tempo e



Romeu Nhamucha. (Foto de Américo Milço)

sente-se inquieto pelo desaparecimento repentino dessas mesmas coisas, cujos nomes e significado nunca chegou a saber.

Tem rugas que se reúnem e dispersam constantemente no rosto dilatado, onde se situam olhos muito distantes. Parece mais velho do que os seus 43 anos, metade dos quais vividos sucessivamente nas cidades de Lourenço Marques e de Maputo.

Da infância não tem notas substanciais, excepto uma: fez a 3.ª classe e não continuou, apesar de ter um pai professor e uma mãe enfermeira que lhe «sovavam» algumas vezes por causa de malandrice.

Em 1958, quando o pai se encontrava na tropa, deixou a mãe em Homoine e foi viver para a Beira. Aqui carregava sacos, num armazém, que, por serem pesados — faziam doer mais do que a enxada na machamba pequena da mamã, disse — obrigaram-no a regressar a Homoine. Ficou dois meses e depois veio a Maputo, definitivamente (?) em 1960.

Primeiro começou a trabalhar em quintais. Depois aprendi o serviço de carpinteiro, na carpintaria do senhor

Orlando Martins, no Bairro Indígena. — Este patrão não pagava nada — conta Romeu. — Fugiu da carpintaria dele e fui trabalhar com o senhor António, que tinha outra carpintaria.

Mas o novo patrão tinha graves problemas financeiros e não conseguia pagar a renda de casa no valor de 150 escudos por mês. De modo que fechou a carpintaria, porém, Romeu conseguiu ficar com uma plaina, um serrote, um meio metro de madeira e outras coisas, mas cada coisa tinha uma, uma, uma..., recorda-se.

Houve uma altura em que partiu o braço, devido, segundo disse, à queda inadvertida de uma tábua de madeira que bateu no membro superior direito. Ficou internado dois meses no hospital e, pela primeira vez nesta cidade, não teve assim grandes problemas de comida — disse.

— Mas quando sai de lá — prosseguiu — o médico disse para eu não fazer trabalhos duros durante dois anos. Não fiquei esse tempo parado, porque eu tinha de arranjar comida.

Foi nessa altura que Romeu relegou para plano secundário a arte de carpinteiro e meteu-se no mundo de biscates, construindo ou reparando quintais por aí. Este trabalho nunca lhe deu receita suficiente para se manter em pé na vida de cidade. Até porque, quando experimentou casar-se, há seis anos, teve de se divorciar com a mesma rapidez com que contraiu matrimónio.

— Quer dizer, ela zangou-se comigo, por causa dos problemas que eu tinha e foi-se embora, com dois filhos meus, uma menina e um rapaz.

— O que é feito desses filhos? — perguntámos.

A rapariga, que nasceu antes do casamento, para sermos mais exactos, tem agora 16 anos e já se casou diversas vezes. Quanto ao filho, Romeu confessou não ser capaz de descobrir o paradeiro, embora saiba que o rapaz vive no Chamanulo.

— Está bem, mas agora, diga-me, por favor, como você vive?

mas essa é que não demorou mesmo: zangou-se e foi embora também.

— Bom, também tenho amigos que me convidam em casa deles para comer. Quando isso não acontece, tenho de «desenrascar» sempre...

Ao dizer as últimas palavras, Romeu pareceu ter perdido a voz, e, em vez de nos lançar o feixe do seu olhar insistente, como até aí fazia, baixou a cabeça. Só a levantou depois de ter dito, quase mudo, este resumo da sua vida: eu ainda não sei do que estou a viver aqui, desde que cheguei de Homoine... há mais ou menos 25 anos.